



Michel'angelo Lambertini Typ. do Annuario Commercial—C. da Gloria, 5 *José Nicolau Pombo*

SUMMARIO: — Santa Cecilia. — Um tocador de alaúde. — A musica no Japão. — Uma carta inedita de Berlioz. — Novo Saxtrompa. — Desiré Pâque. — Noticiario. — Necrologia.

SANTA CECILIA

(22 DE NOVEMBRO)

UMA LENDA

EM tempos que já lá vão, havia no castello de Antoing, perto de Tournay (Belgica), uma joven condessa de nome Cecilia, que amava apaixonadamente a musica.

Ora a cathedral de Tournay tinha então por organista um mancebo chamado Roland, filho de um violeiro, que mostrava uma tal vocação pela musica que aos 15 annos já tocava todos os instrumentos conhecidos. O duque d'Antoing chamava-o ás vezes ao castello para tocar sonatas com sua filha, que, além de cantora muito apreciavel, era eximia tocadora de harpa.

Por esse tempo eram bem imperfeitos os



SANTA CECILIA, quadro de Gerard de Seghers (escola flamenga do seculo xvii)

instrumentos musicos e se bem que Cecilia mostrasse grande prazer em ouvir-os, nem a theorba, nem o bandolim, nem a guitarra, nem a harpa, nem o órgão, conseguiram tocar-lhe o coração, a ponto de fazer chorar os seus lindos olhos.

— Oh! dizia ella ás vezes, se houvesse um musico que soubesse provocar as lagrimas dos meus olhos, dar-lhe-hia a mais bella rosa do meu jardim, o mais bello rubi do meu collar, a mais bella perola da minha corôa!

Cecilia era uma maravilha de graça e de belleza e apesar da grande disparidade de condição, não pôde o pobre moço resistir a tão soberanos encantos. Um dia que ella tinha pronunciado a sua phrase favorita, Roland desapareceu.

*

Lastimou Cecilia o desaparecimento do joven musico, mas não lhe faltaram em breve outros motivos de tristeza.

Havia mais de cem annos que os Astoing andavam em guerra aberta com os Bitremont, seus poderosos visinhos. O conde de Bitremont teve occasião de vêr em um torneio a formosa Cecilia e tão subjugado ficou perante a sua esplendida belleza que a pediu em casamento ao velho Astoing.

Passava o conde por homem ciumento e colerico; tinha a tez azeitonada, o cabello negro como aza de corvo e o olhar sombrio protegido por carregadas sobranceiras.

Cecilia tinha-lhe medo, mas o pae queria tanto este casamento e desejava tanto restabelecer a paz entre as duas casas rivaes, que a pobre criança cedeu por fim a uma alliança que lhe não podia trazer senão infellicidades.

Assim foi de facto. O marido, grosseiro e brutal, mostrou em breve o que valia, e não tardou que a pobre Cecilia se lamentasse de ter dado a mão de esposa a essa odienta creatura, que até, n'um momento de colera e de insensato ciume, não hesitou em quebrar em mil pedaços a linda harpa, companheira das suas magoas, confidente dos seus queixumes.

*

Um dia que a condessa de Bitremont estava de visita, com o conde, no solar de Antoin, vieram annunciar-lhes que um menestrel pedia para ser admittido á presença dos hospedes do castello.

O conde de Bitremont fez um movimento de impaciencia, mas o duque, sem lhe ligar attenção, ordenou que fosse introduzido o

forasteiro. Era Roland. A' vista d'este animaram-se os olhos da condessa.

— O quê! Sois vós? disse-lhe ella com um doce sorriso. D'onde vindes, bello fugitivo?

— Formosa dama, respondeu Roland, bastas vezes me dissestes que se houvesse um musico que pudesse fazer brotar as lagrimas dos vossos olhos, lhe darieis a mais linda rosa do vosso jardim, o mais lindo rubi do vosso collar e a mais linda perola da vossa corôa. Estive dois annos em Cremona e tive a fortuna de inventar um instrumento que talvez consiga realisar o milagre. Eil-o.

E apresentou-lhe o instrumento novo, que Cecilia examinou attentamente.

— Como se chama este maravilhoso instrumento?

— Viola d'amôr!

Estas palavras augmentaram a colera do conde.

— Que necessidade haverá, murmurou elle, de receber estes mendigos pedinchões e tocadores de viola?

— Eu não sou mendigo, respondeu o artista, e só peço a honra de me fazer ouvir pela senhora condessa.

Inteiramente votada á sua paixão pela musica, não notou Cecilia o crescente furor do conde.

A um signal d'ella, Roland afinou a sua viola e começou.

*

Tinha de facto o instrumento uns sons suaves e acariciadores, como a condessa não ouvira até ali e o artista tocava-o com rara perfeição e indisivel encanto.

Admirada primeiro, depois commovida, a condessa cahiu em profunda meditação.

A breve trecho a sua physionomia exprimiu um intenso prazer, não isento de melancolia, e quando o artista acabou de tocar fixou sobre elle os olhos humidos de lagrimas.

Então, esquecendo tudo, levantou-se e destacando do seio uma formosissima rosa, offereceu-a ao joven menestrel, dizendo:

— Nunca, meu doce amigo, ouvi cousa tão encantadora! Tocai ainda, por favôr; quero cumprir a minha promessa por inteiro!

— Não a cumprirás, infeliz! gritou o conde, e n'um accesso de furor, tirou o punhal e cravou-o no coração de sua mulher, que cahiu instantaneamente morta.

Roland soltou um grito, precipitou-se sobre o punhal e retirando-o do seio da infeliz Cecilia enterrou-o no peito do cruel conde e fugiu.

*

Esteve 20 annos sem reaparecer. Julgaram-n'o morto; ao voltar ninguem o reconheceu.

Mas como estava mudado! Era um espectro do que fôra, todo curvado, com os olhos espantados, o cabello e as barbas grisalhas, encôvadas as faces...

O assassinio de Cecilia transtornara-lhe a razão; julgava-a ainda viva, mas perdida para elle e procurava-a por toda a parte.

De grande artista tornara-se misero vagabundo. Ia tocando viola pelas locandas e tavernas, esmolando a caridade publica e aquecendo-se á chaminé do bom Deus.

Foi por acaso que voltou ao solo natal e era já noite velha quando se encontrou em frente do castello de Antoinç.

A' luz branca da lua reconheceu o velho solar. Saltou o muro do parque e depois de dar alguns passos encontrou aberta a porta de uma capella. Entrou.

Elevava-se no meio da capella um rico tumulo de marmore e sobre elle, em pé, a figura d'uma joven maravilhosamente bella. Envolta em um grande manto de gala, com uma corôa condal a cingir-lhe a fronte marmorea, o collo ornado de rubis, os braços cruzados, os olhos no ceu, parecia escutar os concertos dos anjos.

Era a estatua de Cecilia, e o esculptor tinha-a modelado com tal arte e semelhança, que Roland julgou vel-a a ella propria em carne e osso.

— Finalmente vos encontro, formosa dama, depois de vos ter procurado durante vinte annos, exclamou o misero. Ah! Espero ainda tocar-vos o coração e fazer chorar os vossos lindos olhos!

*

Afinou a viola e entoou um canto estranho e sublime em que soluçava o queixume mais sentido que jámais sahiu de peito triste.

De repente, ó prodigio! O rosto immovel da estatua velou-se de uma tristeza profunda, encheram-se-lhe os olhos de lagrimas e fixaram o musico com uma ternura infinita.

E quando este acabou o desolado cantico, viu-se a dama descruzar os braços de marmore, destacar o mais bello rubi do seu collar e apresental-o ao menestrel.

Roland tomou, a tremer, a preciosa pedra, e a estatua recruzou os braços e retomou a immobilidade.

Perdido d'amôr, o musico cahiu de joelhos e exclamou:

— Obrigado! formosa dama, mantivestes a vossa promessa. Mas é só o artista que

tem o condão de vos agradar? Dizei uma palavra, fazei um gesto que me prove que o homem tambem conseguiu tocar-vos o coração.

Mas a estatua ficou muda e impassivel e Roland affastou-se desesperado.

Vagueou toda a noite e todo o dia seguinte pelos campos. Depois, extenuado, pediu hospitalidade em uma herdade, onde tiveram compaixão d'elle e o mandaram para o celleiro.

De manhã vieram uns homens d'armas que o revistaram e encontrando-lhe a pedra preciosa, conduziram-o ao juiz.

A's perguntas do magistrado respondeu que o rubi lhe fôra dado pela condessa. O juiz julgou que elle se fingia louco, reconheceu-o culpado de sacrilegio e condemnou-o, por escarmento, a ser enforcado immediatamente em frente da capella onde fôra cometido o crime.

Seguido de grande massa de povo, Roland avançou entre os guardas para o lugar do supplicio.

Vendo a estatua de Cecilia, entrou um lampejo de razão n'aquelle pobre cerebro. Levantou a cabeça.

— E' de uso, disse elle, que se cumpra o ultimo desejo d'um condemnado á morte. Dêem-me a minha viola, quero tocar ainda uma ultima vez!

*

Attendida a supplica, Roland foi collocar-se de novo em frente da estatua, para lhe recitar o seu canto de morte.

— E' por vós, formosa dama, que eu morro, dizia a funebre lamentação. Não tenho saudades da vida, pois nunca me haveis amado. Mas consentireis que morra um innocente e que á minha memoria fique ligado um crime que não pratiquei?

E emquanto a viola se lamentava, cravou ardentemente os olhos sobre o rosto mudo da estatua.

Ao passo que ia tocando voltava-lhe pouco a pouco a razão e reconheceu, a breve trecho, que não era Cecilia que tinha diante de si, mas uma estatua de frio marmore.

Viu tambem que já não tinha nem o collar de rubis, nem a corôa de perolas; haviam-lh'os tirado por prudencia e para não tornar a tentar os ladrões.

— Ah! tudo está acabado, dizia a viola, não podeis cumprir a promessa até ao fim. Nada já me póde salvar. Adeus, pois, ó vós que tanto amei!

N'este momento, houve uma voz que gritou: — Olhem, olhem! e um longo fremito percorreu a multidão.

Velava-se de dôr a fronte da formosa estatua e enterneciam-se lhe os olhos.

Duas lágrimas se destacaram da fria pedra e correram lentamente pelas faces da milagrosa imagem, que descruzando os braços e approximando as mãos abertas, n'ellas recolheu as duas lágrimas, logo transformadas em grossas pérolas, que apresentou ao pobre condemnado.

*

Correu logo a fama do milagre e Roland foi perdoado.

Voltou-lhe então de todo a razão e fez-se um grande artista.

Tornou-se a capella um sitio de peregrinação, e os musicos escolheram por padroeira a formosa Cecilia, a doce filha do duque d'Astoin, que amava tanto a viola d'amor, que, por ouvil-a, os seus olhos de marmore até choravam perolas.

Um tocador de alaúde

MATIAS Matia, segundo a orthographia da sua assignatura, filho de Godifredo Matia e de Ignez de Tilde, natural de Anvers, hospedava-se em casa de Catharina de Basto, viuva de um pintor flamengo, de nome Leonardo, a qual morava na rua por cima do Corpo Santo.

Matias tocava alaúde. Não sei se era musico de profissão, um Macario d'aquelle tempo, ou simples curioso. O que sei é que foi convidado para alegrar com o seu instrumento os amigos de Christovão Lamguel, allemão, mercador de trigo, que morava por detraz de S. Gião ou Julião. O banquete realisára-se n'uma quinta-feira, 5 de dezembro de 1619. Mesa lauta, pratos succulentos, vinhos generosos. A's 4 horas tinha acabado o jantar, mas os convivas, como é bem de supôr, continuavam em festa, entrelaçando prazenteiramente as canções alegres com os ditos picantes.

A noite vinha-se approximando Na rua passou um cego cantando. Era um d'estes vendedores ambulantes, então abundantissimos, de folhetos de cordel — historias, autos e trovas populares. Matias mandou comprar uns dos papeis, suppondo que era a cantiga que entoava. Trouxeram-lhe uma folha, no topo da qual se via a imagem da Virgem. Contra o que se esperava, os versos eram sacros e não profanos.

Matias dobrou o papel, foi o dobrando, até que por fim o atirou pela janella. Fez

isto por desfastio, impensadamente, sem cuidar no desacato que praticava? Talvez. As libações tinham-n'o aquecido e bastaria esta circumstancia para explicar o seu modo de proceder.

Uns vizinhos defronte, que haviam presenciado a scena, ou innocentemente ou por malicia, pediram áquelles regalões se lhe davam a estampa que haviam comprado. Matias cahiu em si, reflectindo na inconveniencia que havia praticado e despediu-se á pressa, confuso, em sobresalto, com receio que o fôssem accusar de impiedoso, fazendo-lhe pagar caro a sua leviandade.

No dia seguinte tratou logo de procurar um frade de S. Domingos, que entendia a lingua flamenga, com quem podesse desabafar e aconselhar-se á vontade. Não o tendo encontrado, voltou de novo, até que por fim, seguindo as advertencias do dominicano e por este acompanhado, se apresentou no tribunal do Santo Officio em sessão de 9 de dezembro, a confessar o seu delicto, se tal nome merecia o seu irreflectido procedimento.

A mesa da Inquisição ouviu as suas declarações, perguntando-lhe se eram sinceras, se nada mais tinha a confessar e se cria no culto das imagens. Matias respondeu que era catholico, filho de paes catholicos e que nunca deixára de ter fé nos santos.

Em presença d'estas declarações foi-lhe recommendado que não sahisse de Lisboa sem prevenir o Santo Officio e que se apresentasse n'este Tribunal todas as quintas-feiras.

O dominicano que o acompanhava e que servia de interprete, chamava-se Frei Jeronymo Valuano. Era talvez seu compatriota ou teria pelo menos estudado em Louvain.

Este quadrosinho que nos pinta tão ao vivo uma scena do viver intimo e social da colonia flamenga e allemã do nosso paiz no seculo xvii, foi-nos conservado e transmittido por um documento dos archivos da Inquisição, onde se conservam, como fosseis historicos, outros episodios identicos. Chega a gente a ter desejo de perdoar a iniquidades inquisitoriaes, attendendo á somma consideravel de revelações curiosas, que o terrivel Tribunal nos legou, aferrolhados por seculos no cofre dos seus impenetraveis sigillos.

Sousa Viterbo.



A MUSICA NO JAPÃO (1)

(Excerpto)

A MELLO BARRETO

.....
 Uma pequena canção popular que corre de bocca em bocca, atravez dos seculos, representa o sentir do povo que a canta, pinta o seu character, é o fiel espelho do seu sentimentalismo.

A distincta escriptora italiana Mathilde Serao, no prefacio do seu magnifico livro, todo cheio de poesia e unção *Na Terra de Jesus*, escreveu: « a alma d'uma nação está muitas vezes nos olhos das suas mulheres, em uma rua, em uma paisagem a uma certa hora, em um fragmento d'uma estatua, em uma arma ferrugenta, em uma canção, em uma palavra».

Quando um povo sente as vibrações do seu sentimento artistico possui dentro de si a alavanca que o impelle constantemente para uma nova vida onde goze novos horizontes. Cousin disse: « o encanto da musica consiste em levantar a alma até ao infinito. Liga-se naturalmente á religião, isto é, á religião do infinito que é ao mesmo tempo a religião do coração».

O homem ao nascer parece desabrochar os seus sentimentos em um meio todo cheio de harmonia! Os cantos das aves, o susurro das aguas, o zumbido de milhares de insectos, o sibilar do vento, o ranger dos troncos das arvores, em noites de tempestade, todo este conjuncto é o echo da voz do Creador! O homem nascido n'este meio possui por intuição o sentimento da sublime Arte. Tem no seu espirito a poesia da musica, essa *Divina Arte* que nos eleva a alma ás altas regiões do infinito.

Tinha razão o grande Beethoven quando disse que a musica era uma revelação mais sublime que toda a sabedoria, toda a philosophia, e sentia que Deus se aproximava quando cultivava a sua arte.

Se abriremos os livros sagrados dos Prophetas veremos como elles veneravam a musica considerando-a como o traço de união entre o homem e o Senhor.

O grande Platão dizia que a musica era necessaria a todo aquelle que queria governar o Estado; e um escriptor chinês disse: « o conhecimento dos tons e dos sons está intimamente ligado á sciencia de governar (2). Ao escrevermos algumas palavras sobre a

musica japoneza temos que lutar com a falta de fontes onde possamos estudar o desenvolvimento musical do Japão.

Assim para a musica russa temos elementos para podermos avaliar o seu valor; basta analysar as colleções diversas das suas canções populares, devidas aos magnificos trabalhos de Pratsch, Balakirew, Chichkine, etc. Nos chinezes encontramos o primeiro systema musical; crearam diversos typos de instrumentos nascendo d'ahi mais tarde as construcções das harpas e d'outros.

Como arte a musica não existia no Japão; só depois d'este paiz ter adoptado em parte os costumes europeus é que se formou uma especie de commissão para estudar assumptos musicas.

O primeiro trabalho a que se dedicou foi declarar que a musica popular do Japão estava espalhada pelas classes mais baixas e ignorantes; que eram canções contra a moralidade e que não cooperavam para o desenvolvimento intellectual do reino.

Como acabar com esta musica popular?

Houve então varias opiniões; uns diziam que deixassem estar estas canções só dentro d'um certo meio e as classes elevadas teriam a prohibição de as poder cantar! Outros diziam que a musica nova cheia de frescura e vida faria esquecer as canções antigas; emfim depois de varias discussões infructiferas concluíram que não deveriam tirar ao povo estas canções que elle tinha aprendido desde o alvorecer da sua vida, e com a musica nova iriam aprender novas canções, não sendo necessario a prohibição.

O *Instituto* abriu uma classe de musica, com o fim de estudar os cantos populares que offereciam maior interesse. Foi durante estas investigações que encontraram o hymno KIMIGAYO:

«Kimiga yowa
 Rite yo mya tchi yani
 Sa rare i shi no
 I wa woto na ri té
 Ko ke no monsou made.»

cuja musica foi tocada pouco tempo depois publicamente. Os estudantes do *Instituto* foram convidados a fazerem conferencias sobre a musica do *Kimigayo*; é este o hymno nacional do Japão que longe de ser um grito de revolta, de guerra, é apenas um hymno cuja letra é cheia de poesia obscura e mysteriosa.

Em cada provincia do Japão ha canções completamente diversas, mas quasi todas são canções d'amor.

Ha uma que é muito curiosa chamada «A linda *Donzella de Náta*» E' um pequeno

(1) Este artigo faz parte do livro em preparo: *Algumas palavras sobre a musica na Russia e no Japão*.

(2) Jacques Bonnet—*Histoire de la Musique*.

conto de amor cheio de tristeza. Esta donzella tornou-se a amante de Schogoum, que a abandonou cruelmente esquecendo-se do amor que lhe jurára. Ella vendo-se abandonada lança-se n'um lago apertando contra o peito um ramo de *Sakoura* unica reliquia do seu amor, e que elles tinham colhido quando passeavam em uma noite de luar.

E' nas chamadas *casas de chá* que podemos estudar a musica japoneza, e n'estas casas a que elles dão o nome *Yadoyas* que dançarinas executam bailados, ao som d'uma musica caracteristica e muito original. A pequena orchestra é composta por antigas dançarinas que tocam varios instrumentos, sendo os principaes o *samisen* e o *sutssumi*.

Emquanto tocam, cantam canções d'amor, curtos romances; ao mesmo tempo as bailarinas traduzem pela mimica a letra das canções. Os japonezes quando cantam teem só em mira exclusivamente o texto ao qual a musica está ligada, sendo a accentuação bastante grotesca, pelo menos para nós! A falta absoluta de intervallos regulares, não nos pode ser agradavel aos nossos ouvidos esta musica!

Ménil descreve com um certo realismo as danças que elle viu dizendo: «Principia a *dança das Borboletas*. Ao rythmo compassado da musica, uma bailarina chega; segura em uma das mãos um leque na outra um fragmento de papel. Com um gesto gracioso abre o leque e obriga o pequeno papel a voar em varias direcções, pairando ora n'um *Kakimono*, ora em uma flôr, até que depois vem frivela e imprudente queimar as azas na chamma d'uma vela de cera. A canção desenvolve-se cheia de poesia; depois seguem-se os amores de duas borboletas, ligeiros papeis de seda reunidos por um fio de cabello. Bem fraca cadeia invisivel! Os dois *insectos* acabam por pairar um sobre o outro n'um ultimo bater d'azas. A *dança da chuva* é assaz divertida e realista. E' no magnifico jardim de Uyeno, as bailarinas passeiam, e fazem elogios dos seus *Kimonos* ou dos seus *Obi*. Mas o tempo mudou, vem a tempestade. Estendem as mãos; é a chuva que cahe. Abrem as sombrinhas e cada bailarina para não ser molhada faz tregeitos comicos.

A musica continua a sua melopeia indifferente e rhythmada pelos tambores, sem nhenhum interesse descriptivo nem melodico, se se pode chamar melodia ás intonações agudas dos sons que ella possue.»

Estas pantomimas dividem-se segundo o seu estylo com a musica. As mais importantes, as mais *distinctas* são as que representam scenas mysticas, acompanhadas da musica do *Sakkou*.

Nem todos os mythos servem para este

genero de divertimentos; o que tem mais acceitação é o chamado *Heho-demi* e de seu irmão *Hôsoureri*. São estas pantomimas as que são vistas pelas classes elevadas, ao passo que as outras, pertencem ao povo, que frequenta as casas publicas e as *Yadoyas*.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

Novembro 905

Uma carta inedita de Berlioz

DA *Revue Musicale* transcrevemos a seguinte curiosa carta de Berlioz, que ha-de interessar com certeza aos nossos leitores. Ignora-se a quem foi dirigida e qual a data exacta:

26 février

Monsieur

Vous voulez bien me demander mon opinion sur le romantisme et m'interroger sur mes principes, mon *credo*, etc. Je pourrais vous répondre qu'il ne m'appartient pas de me tirer à moi-même la bonne aventure, que les quelques ouvrages que je suis parvenu à faire entendre au public disent assez ce que j'aime, et que je suis peut-être un mauvais interprète, autrement qu'avec les violons, de ce que je pense. Mais votre lettre est infiniment trop flatteuse pour que son seul résultat soit de me faire paraître incivil; je vais donc vous satisfaire.

Je suis un classique.—Romantique? Je ne sais pas ce que cela signifie.

Par art classique, j'entends un art jeune, vigoureux et sincère, réfléchi, passionné, aimant les belles formes, parfaitement libre. Et par ce mot classique, je désigne tout ce qui a été fait d'original, de grand, de hardi. Gluck et Beethoven sont des classiques; ils ne se sont jamais gênés pour dire ce qu'ils voulaient, comme ils voulaient, au mépris de certaines règles. Virgile et Shakespeare sont des classiques. La seule chose que jé méprise, c'est l'initiative plate, sans flamme, sans volonté.

Ma maison n'est pas une chapelle; mais j'en encadrerais volontiers la porte, comme Cocas, avec les têtes de certains «classiques», qu'on a gratifiés d'une étiquette menteuse, en les considérant comme les continuateurs des plus grands. Etant *classique* je vis sou-

vent avec les dieux, quelquefois avec les brigands et avec les démons, jamais avec les singes.

Je souhaite, monsieur, que ces quelques lignes vous renseignent suffisamment, et vous prie de me croire, avec une parfaite estime, votre bien dévoué serviteur.

Hector Berlioz.

NOVO SAXTROMPA

Não se extinguem as tradições gloriosas do grande e torturado inventor que foi Adolpho Sax.

Como é sabido, Adolpho Sax foi o mais poderoso genio que até hoje tem apparecido no dominio da factura instrumental. Descobrimo primeiro as verdadeiras proporções da columna d'ar nos instrumentos de sôpro, transformou por completo a construcção do clarinete (1) e creou um sem numero de familias novas de instrumentos de latão, en-



PARA A EXECUÇÃO AO AR LIVRE

tre as quaes prima a dos *saxophones*, como a mais bella e rica.

Sem entrar no detalhe das luctas judiciaes

(1)—Em 1838 reformou totalmente o clarinete baixo que era antes d'isso muito defeituoso. Creou o clarinete contra-baixo. Deu recursos novos ao clarinete soprano em si bemol, fazendo-o descer até ao dó da violeta. Imaginou os clarinetes em metal.

O nome d'este homem extraordinario está tambem ligado a importantissimos melhoramentos no fagote, nos timpanos, no tambor, no bombo, nos sinos theatraes etc. não fallando nos instrumentos de latão em que fez verdadeiras revoluções.

que a partir de 1846 teve que sustentar, basta lembrar que n'esse anno os seus concorrentes formaram, expressamente para o combater, uma sociedade, com presidente, secre-



PARA A EXECUÇÃO N'UMA SALA

tario e thesoureiro, e trataram pelas mais audiciosas manobras de provar que as suas patentes de invenção não tinham validade alguma, que os seus instrumentos já eram anteriormente fabricados na Allemanha e na Italia e finalmente que o pretendido inventor não passava de um refinado intriguista.

O numero infinito de processos judiciaes que isso acarretou só devia terminar, por 1860, com o solemne reconhecimento de todos os direitos tão laboriosamente adquiridos por Adolpho Sax, na sua longa carreira de artista e de industrial e tão injustamente contestados pelos seus inimigos.

Mas não é aqui o logar, ou pelo menos não é esta a occasião asada para descrever a odysséa do genial descobridor, a quem, como de costume, só a posteridade havia de fazer inteira justiça.

E' do filho que nós vamos momentaneamente occupar.

Chama-se Adolpho como o pae e é director da fanfarra de scena da Opera de Paris.

Infatigavel investigador tambem, apresentou agora um novo typo de instrumentos, da familia dos *Saxhorns*, de pavilhão movel e adequado ora ás execuções ao ar livre, ora aos concertos em sala fechada. Obtem-se por essa forma uma differença de potência sonora, cujas vantagens não é licito pôr em duvida, sendo absolutamente satisfatorio o resultado das experiencias a que já se tem procedido em Paris.

As nossas gravuras mostram a applicação

do processo a um *Saxhorn alto*, sendo o instrumento tocado pelo neto do grande Adolpho Sax, que tambem se dedica, com especial aproveitamento, á fabricaçãõ de instrumentos metallicos.

O inventor do pavilhãõ movel nos *saxhorns* foi tambem o constructor das *tubs* de fórma especial, que Ricardo Wagner empregou nas suas *Walkirias*.

Desiré Pâque

NOTICIARAM OS jornaes que havia sido escriptura-to para reger a aula de orgãõ do Conservatorio um professor estrangeiro de nome Desiré Pâque.

Reproduzimos no numero anterior a noticia, sem mais considerações, o que deu logar a perguntarem-nos varios assignantes quem era este professor. Vamos satisfazer-lhes a curiosidade, publicando as notas biographicas que conseguimos colher a respeito de Desiré Pâque.

Nasceu em 21 de maio de 1867, em Liége (Belgica), patria de Gretry e de Cesar Frank, o chefe genial da nova escola musical franceza.

Entrou no Conservatorio da sua cidade natal quando tinha 16 annos, sahindo em 1890, depois de ter recebido os primeiros premios nas classes de piano, de orgãõ, de harmonia, contraponto, etc.

Foi logo nomeado professor adjuncto da classe de harmonia.

Para obter o diploma de capacidade, Desiré Pâque executou um *concerto* de piano, com acompanhamento de orchestra, de sua composiçãõ — peça que teve muitas occasiões de repetir em Vienna, S. Petersburgo e Bruxellas e que marcou a sua verdadeira estreia nos dominios da composiçãõ

Em 1897, tendo lhe o governo bulgaro feito esplendidas propostas, que infelizmente não tiveram uma realisacãõ condigna, installou-se em Sophia, como professor.

Em 1899, seguiu para Athenas, onde reorganizou as classes superiores de piano e de harmonia, tomando mesmo a direcçãõ do Conservatorio durante algum tempo.

Desiré Pâque esteve seguidamente em Bruxellas e Paris, onde largamente manifestou as suas notaveis qualidades de mestre e de tocador.

Como compositor devem-se-lhe umas 60 obras, algumas das quaes teem tido um extraordinario exito nos primeiros centros artisticos: — a citar entre outras a 2.^a scnata para piano e violino (*Breitkopf*) e a *ouverture*, op. 19, sobre motivos bulgaros.

Contam-se tambem entre as melhores obras do mestre: — 5 *suites* para violino, violeta e piano, 5 quartetos para cordas, 2 *symphonias*, das quaes será proximamente tocada uma pela orchestra *Colonne*, 3 sonatas de piano e violino, um quinteto para piano e arcos, um *Réquiem* sobre um texto livre, uma opera *Vaïmo*, melodias para canto, etc., etc.

Como director d'orchestra é tambem muito notavel e sobretudo em Athenas, onde aliás dispunha de elementos escassos e desiguaes, teve occasiãõ de fazer executar com grande applauso, as obras *symphonicas* mais complicadas, taes como a 5.^a *symphonia* de Beethoven, a *ouverture* do Rienzi, o preludio de Gwendoline de Chabrier, *Songe fleuri*, de V. d'Indy, e muitas outras obras.

Na qualidade de organista Desiré Pâque tem feito as suas melhores armas e alguns jornaes que temos á vista fazem taes referencias a respeito do seu virtuosismo no orgãõ e da sua grande consciencia artistica, que não hesitamos em suppôr que a conquista d'um tal musico para o nosso paiz seja um acontecimento que todos applaudirão com enthusiasmo.

Por isso felicitamos o Conservatorio, por tão acertada aquisiçãõ e fazemos votos para que quanto antes se inaugure a nova classe, cuja falta de ha muito se fazia sentir.

Desiré Pâque já se encontra em Lisboa e consta-nos que foi nomeado organista da capella da sr.^a marquezã do Fayal.



PORTUGAL

No dia 22 realisou-se na igreja dos Martyres a tradicional festa a Santa Cecilia, que em outras epochas era sempre revestida do maior brilhantismo, devido á cooperacãõ dos cantores de S. Carlos, tendo-se feito ali ouvir o Mongini, e outros artistas de grande nome.

Este anno executou-se a missa e credo do maestro Gazul a grande orchestra, e cõros de tenores e baixos.

No principio da missa executou a orchestra a Folha d'album de Wagner, ao pregador o primeiro numero das *Scenas pittorescas* de Massenet e ao *offertorio* o *Angelus* da mesma *suite*.

A orchestra foi habilmente dirigida pelo illustre maestro Freitas Gazul.

A 27 e 29 realisou o *Orpheon Portuense* os dois annunciados saraus com José Thibaud e André Hekking, pianista e violoncellista.

No primeiro concerto tocaram-se as sonatas de Porpora e de Grieg, pelos dois artistas, a *Apassionata* de Beethoven, *Nocturno* de Chopin e *Rapsodia* de Liszt por José Thibaud e a *Ave Maria* de Max Bruch pelo violoncellista só.

Do 2.º concerto não temos ainda noticia.



O concerto annual do maestro Alberto Sarti effectua-se em 5 do proximo mez com um optimo programma e o da *Schola Cantorum*, dirigido pelo mesmo illustre vocalista, terá lugar em 12, com a *Ressurreição de Lazaro*, de Perosi.



Em 17 do proximo dezembro realisa o distinctissimo professor Oscar da Silva, uma *matinée* no theatro de D. Maria, com o concurso dos illustres artistas, D. Carolina Palhares, D. Francisco Benetó, Augusto de Moraes Palmeiro e outros.



A' noticia que anteriormente publicámos ácerca do *Orpheon Portuense* e com respeito aos artistas estrangeiros escripturados pela prestimosa associação musical da capital do norte, temos a acrescentar que tambem estão convidados para os concertos do *Orpheon* a cantora wagneriana madame Kutscherra, o *Quarteto Hayot*, os grandes concertistas Ysaye e Pugno e a *Sociedade de instrumentos antigos*, dirigida por mr. Henri Casadesus e composta, além d'este artista, por madame Dellerba, Marcel Casadesus e Edouard Nanny.

Este magnifico grupo, que tem sido altamente apreciado no estrangeiro, constituirá um dos maiores attractivos da presente temporada. Os instrumentos que aquelle artistas magistralmente executam são o *Quintão*, o *Cravo*, a *Viola d'Amor*, a *Viola de Gamba* e o *Contrabasso*.

O concerto em que se apresenta o grupo Casadesus, será o segundo da epoca, devendo effectuar-se a 5 de janeiro.



Encontra-se em Paris o pianista portuguez Theophilo de Russell, que segundo informações ultimamente recebidas vae dar na *Salle Pleyel* um interessante concerto a 14 do proximo dezembro.

O programma d'esse concerto constará da *Sonata appassionata* de Beethoven, *Estudos symphonicos* de Schumann, *Polonaire*, *Estudo* e *Nocturno* de Chopin, *Impromptu varié* de Schubert, *Duas Legendas* e *Camparella* de Liszt.

Consta-nos tambem que Theophilo de Russell, apoz esse concerto, regressará a Lisboa, onde tenciona fixar residencia e dará aqui pouco depois de chegar uma audição popular das 32 sonatas de Beethoven.



Encontra-se em Lisboa, o illustre compositor de musica, sr. Conde de Azevedo e Silva, nosso ministro em Bruxellas, a quem agradecemos a honrosa visita feita a esta redacção.



Achando-se ainda convalescente o distincto professor de cornetim e clarim Joaquim A. Martins Junior, escripturado para o lugar de 1.º trompette da orchestra do theatro de S. Carlos na proxima época, não póde, por conselho de medicos, desempenhar o referido lugar e por esse motivo acaba de ser contractado afim de o substituir durante a estação lyrica o professor Ferrieri Edoardo, natural de Lavezzola (Provincia Ravenna).

Sentimos a doença de tão primoroso artista a quem desejamos um prompto restabelecimento.



Por doença do maestro Lombardi, que não pode por esse facto cumprir a sua escriptura, foi convidado para o substituir na proxima epoca lyrica o maestro Luiz Mancinelli, illustre auctor do *Ero e Leandro* e notabilissimo artista muito apreciado em Portugal.



O snr. Conde d'Azevedo e Silva é um dos poucos compositores portuguezes que tem acompanhado mais de perto a moderna evolução da arte musical. As suas producções dramaticas, *Flavia*, *Viviana*, *Rosario* e a *Morte d'Orpheu*, tem o accentuado cunho d'essas tendencias, que já tivemos occasião de apreciar quando esteve entre nós a *Orchestra Lamoureux* e executou o preludio da ultima d'aquellas obras.

Crêmos que seria do mais alto interesse ouvir no nosso theatro lyrico ao menos uma d'essas peças; parece mesmo que devia ser um dos objectivos mais interessantes das emprezas lyricas em Portugal.

Porque se não tenta isso finalmente ?



Do *Primeiro de Janeiro* recortamos, com a devida venia, a seguinte local:

«Receberam-se noticias n'esta cidade das ultimas «tournées» artisticas da eminente violencelista e nossa intelligente conterranea, Mlle. Guilhermina Suggia.

Tanto em Basel (Allemanha) como na Polonia, especialmente em Krakow, onde deu dois concertos, obteve um ruidoso triumpho, sendo acclamadissima n'aquellas duas cidades por um numeroso e selecto auditorio.

E é tal o prestigio artistico da notavel concertista, e a grande reputação que adquiriu nos paizes do norte da Europa, que lhe foi offerecido contracto, o qual a insigne artista acceitou, para umas proximas «tournées» pela Allemanha, Austria, Hungria, Hollanda, Belgica e Inglaterra.

Sabemos que Mlle. Guilhermina Suggia tenciona no proximo mez de janeiro vir ao Porto, sua terra natal.»



O lindo cravo do snr. conselheiro João Arroyo, que reproduzimos em gravura no nosso numero anterior, foi posto em leilão no palacete da rua de S. Antonio dos Capuchos a 28 d'este mez, obtendo a maximo lanço de 260.000 réis.



Muito interessante a sessão de pianola, promovida pelos srs. Moniz & Fonseca, para apresentação d'esse apparelho mechanico.

Realizou-se a referida sessão em 25 d'este mez no salão do Conservatorio vindo propositadamente a Lisboa para manobrar o apparelho o sr. Toledo, director da casa constructora da Pianola metrostyle e proprietario de um salão de concertos em Paris, na Avenida da Opera.

A pianola reproduz, melhor que muitas outras machines similares, toda a musica pianistica e dá-lhe todo o relevo e expressão por meio de registros especiaes destinados a accionar os pedaes, a graduar a sonoridade e a modificar o andamento.

Para mostrar que se pode executar tambem na pianola a musica de conjuncto, executou o illustre violinista, sr. Carlos Estevam de Sá a difficil sonata de Grieg, op. 8, sendo a parte de piano tocada na pianola com a maior perfeição.

Aos srs. Moniz & Fonseca agradecemos o convite com que distinguiram esta redacção.

Coincidindo a data dos concertos Kochanski com a occasião em que se deve imprimir o presente numero, só no seguinte é que podemos dar conta d'esses concertos, em secção especial.

O concerto da *Sociedade de musica de Camara*, primeiro d'esta epoca, tambem se effectua na mesma occasião, a 29, tendo sido alterado o programma aqui já descripto, em causa do fallecimento de pessoa de familia de um dos executantes.

Ficou definitivamente constituido o programma com as seguintes obras:—*Trio*, op. 72 de Godard, *Sonata*, op. 105 de Schumann e *Quarteto*, op. 13 de Ricardo Strauss.



Em um bello artigo do *Guide Musical* sobre a construcção de sinos e carrilhões, allude-se ao celebre carrilhão de Mafra, que se compõe de 114 sinos, com o peso total de 117000 kilos.

De Hont e Le Vache são os nomes dos constructores.



Já se encontra á venda a *Arte breve do Canto liturgico*, do Rev.º Eusebio Clop, obra adoptada officialmente para o ensino do canto religioso, de accordo com as ultimas prescrições papaes.

E' como já dissemos redigida em portuguez e contem numerosos exemplos, motetes para as varias funcções do cultco e canticos em lingua vulgar.

O seu preço é de 300 réis.

ESTRANGEIRO

Do jornal fluminense *O Paiz*, permittimo-nos extrahir a seguinte noticia, a proposito do ultimo concerto dado pelo insigne pianista Arthur Napoleão.

«Nascer, crescer, estacionar e declinar é uma lei da vida; ás interrupções chama-se — morte. No mesmo individuo essa lei duplica-se ás vezes, e entre os artistas é ella indiscutivel. A aptidão nasce e cresce; fórma-se o artista e, se a morte não o interrompe, tarde ou cedo apparece o periodo de estacionamento que precede o declinio ou a decadencia.

Arthur Napoleão, no emtanto, como ente privilegiado, tem-se furtado, artisticamente, a essa lei. Ha pouco tempo, tendo completado 60 annos de idade, julgou terminada a sua carreira artistica e annunciou o seu lu-

timo concerto. Era um movimento de orgulho; não queria reaparecer em publico sem o seu brilhantismo, elle que electrizava os auditorios. Passam-se tres annos e a força não o abandonou; ao contrario, mantem-se, e com ella uma admiravel resistencia.

Parecia que o grande pianista virtuoso tinha chegado ao apogeu; enganaram-se todos. Arthur Napoleão não parou: tem progredido, ainda que isso pareça factu inacreditavel.

Na parte esthetica Arthur Napoleão conserva o seu estylo brilhante; interpreta a composição de Chopin com aquelle sentimento caracteristico que funde n'uma só tristeza a melancolia morbida do maior poeta do piano; lidando com Liszt, o mais fecundo dos compositores, o mais impetuoso e o que maiores difficuldades creou para o piano, as passagens que parecem irrealisaveis crystalisam-se em perolas e surgem do piano como fonte de sons irisados; assim como é grande em Beethoven, modificando a sua tendencia para ser um classico interprete do mais querido e admirado mestre.

O *Concerto em mi bemol*, que vale por uma symphonia, teve execução grandiosa do primeiro tempo, expressiva no bellissimo andante e graciosa no final.

A orchestra foi habilmente dirigida pelo maestro Francisco Braga, e não é facil acompanhar um pianista como Arthur Napoleão, com os seus arrebatamentos e impetuosidade.

Em seguida os instrumentos de corda executaram tres peças de H. Oswald — *Sarabande*, *Bébé s'endort* e *Scherzo*; a segunda merecia ter sido bisada, tal a sua delicadeza e mesmo originalidade de concepção.

A orchestra de corda executou ainda a *Romança e Prière*, de F. Braga, e a parte vocal foi confiada ao talento da eximia cantora Maria Galvani, que deliciou a sala do Instituto Nacional de Musica com a aria do *Rigoletto* e a valsa *L'incantatrice*, de Arditi.

Arthur Napoleão provocou os maiores applausos, verdadeiras ovações, com o *recital* assim composto — Liszt, *Loreley* e *Soirées de Vienne*, sendo obrigado, depois d'esta ultima, a voltar ao piano, tal a insistencia dos applausos, executando a sua valsa *Enchancement*; e no final da festa *Nocturno e Mazurka*, de Chopin, e o seu brilhante *Scherzo, em re menor*, peça de brilho indcriptivel e difficilima.

Oscar Guanabario.



O conselho artistico do Conservatorio de S. Petersburgo decidiu fechar este estabele-

cimento, por motivo das desintelligencias havidas entre o pessoal escolar e originadas pela demissão do grande compositor Rimsky-Korsakow.



Em S. Petersburgo inaugura-se brevemente um monumento a Glinka, o glorioso fundador da escola russa.

Por essa occasião, será executada uma nova cantata de Balakirew para vozes e orchestra.



Camillo Saint-Saëns mandou ao ministro das bellas artes a sua demissão de membro do conselho superior do Conservatorio de Paris.



O duque de Norfolk, um dos chefes do partido catholico do Reino Unido, mandou entregar ao cardeal Merry del Val uma somma de 25000 sterlinas, para ser applicada á renovação dos instrumentos da guarda palatina.



Em 23 d'este mez celebrou-se no Conservatorio de Madrid a distribuição dos premios aos alumnos que mais se distinguiram no curso de 1904-1905.

Precedeu o acto a execução de um escolhido programma e leu um discurso allusivo o maestro Thomaz Breton, commissario regio do Conservatorio.



Por iniciativa do professôr Frederico Malio realisou-se em 12 do corrente no Rio de Janeiro um concerto-concurso com o premio de duzentos mil réis, para a melhor composição de auctor brasileiro.

Esse tentamen do illustre artista visa á criação e manutenção de uma grande orchestra e, como se comprehende, ao desenvolvimento da arte nacional brasileira.



O maestro Alessandro Peroni, que era regente da banda municipal de Brescia, foi nomeado director do *Instituto musical* de Ferrara.



A recita de gala offerecida na *Opera* de Paris a S. M. El-rei de Portugal teve o seguinte programma:—*Overture* e 2.º quadro do 2.º acto do *Freischütz*, *Dansas Gregas*, 2.º acto da *Armida* e bailados do *Cid*.

O acolhimento feito ao monarcha portuguez foi dos mais calorosos.

Os dolorosos acontecimentos da Russia deixaram em penosa situação as numerosas companhias lyricas que estavam escripturadas para as diversas cidades do imperio moscovita.

Principalmente os coristas, professores de orchestra, etc., tiveram importantes perdas por não poderem ter seguimento as escripturas com que contavam.

Uma nova sociedade que se fundou em Paris com o titulo de *Societé Beethoven* vae executar, pela ordem chronologica, os 17 quartetos do Mestre.

Começa este importante cyclo de audições em 7 do mez proximo.

Em Berlim, inaugurou-se em 18 do corrente o theatro de opera comica, a que já aqui nos referimos.

A peça de abertura foi *Os contos d'Offmann*, de Offenbach, que obteve, ao que parece, um exito muito favoravel. Seguiu-se o *Jongleur de Notre Dame*, que não foi menos apreciado.

A casa natal do grande Bach, em Eisenach, foi adquirida por 2.000 markos pela *Nova Sociedade Bach*, que a vae transformar em um museu, para exposição das suas partituras e de objectos que se liguem á memoria do venerando artista.

M.^{elle} Chenal, que obteve dois primeiros premios no concurso do Conservatorio de Paris, de que aqui demos conta, vae debutar proximamente no *Sigurd* (parte de Brunehilde).

O celebre violinista Sarasate e a pianista Bertha Marx Goldschmidt farão uma grande *tournee* em França, durante os mezes de janeiro e fevereiro.

Mathieu Crickboom, o excellente violinista que tivemos occasião de ouvir em Lisboa, conjuntamente com De Greef e com M.^{elle} Rüegger, teve ha pouco um grande exito em Londres e acha-se actualmente em Bruxellas, dando concertos.

E para fallarmos ainda de artistas nossos conhecidos diremos que Pablo Casals está em Genebra e o grande Ysaye em Anvers — ambos dando concertos com estrondoso successo.

Vincent d'Indy partiu para a America, onde vae dirigir varios concertos em Boston, Philadelphia, Baltimore, New-York, etc.

Os programmas serão principalmente de musica franceza moderna — Chausson, Debussy, Fauré, Franck, Paul Dukas, d'Indy e poucos mais.



Os nossos sentidos pezames á illustre pianista e professora, sr.^a D. Sophia de Carvalho Segurado pelo profundo golpe que acaba de a ferir, com a irreparavel perda de seu extremo pae, o sr. José Antonio de Carvalho.

Em 22 falleceu o amador de musica, sr. David Luiz Cardoso, que foi mestre do antigo grupo denominado *Troupe Lisbonense de Bandolinistas*.

Fez tambem parte de outras sociedades musicas.

No estrangeiro falleceram os seguintes artistas:—o pianista compositor *Isidore Seiss*, professor do Conservatorio de Colonia—*Alphonse Moulinier*, critico d'arte, escultor e compositor—*Girolamo Piccioli*, professor de canto italiano, domiciliado em Montevideo—o professor de violino e director d'orchestra de Francfort, *Johann Naret-Koning*—o compositor *Ludwig Ilansky*, tambem director d'orchestra em Praga—o tenor *William Müller*, da Opera de Hannover—*Teresina Maccaferri Scarlatti*, conhecida artista de canto—*Jules Danbé*, director d'orchestra muito considerado em Paris—*Luiç Offermans*, velho violinista hollandez—*Giulio Mascanzoni*, professor de harmonia e contraponto em Ravenna e compositor de musica—outro compositor italiano, *Carlo Galli*,—a cantora bolonhesa *Clementina Fanti*, que teve em tempos grande nomeada e finalmente *Carolina Zannaçzaro*, outra cantora illustre.